

A LÍNGUA É NÓIS: UM ESTUDO DE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS EM CONTEXTO DE ENSINO

A LÍNGUA É NÓIS: A STUDY OF LINGUISTIC BELIEFS AND ATTITUDES IN A LECTURING CONTEXT

Gabriele Pecuch (UEM)

gabrielepecuch@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2003-9458>

Flávio Brandão Silva (UEM)

fbsilva@uem.br

<https://orcid.org/0000-0002-2911-9449>

RESUMO: Esta pesquisa procurou investigar as crenças e as atitudes em relação a aulas de Filosofia ministradas por um estudante de História que utiliza variedades linguísticas próprias do falar urbano da periferia de grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, fazendo uso de gírias e de construções sintáticas que consistem em marcas de identificação de uma comunidade de prática (ECKERT, 2005; ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010), como as concordâncias verbal e nominal variáveis. Para tanto, este trabalho utilizou um corpus de 270 comentários enviados em 10 vídeos disponibilizados por Marcelo Henrique Marques, o Audino Vilão, na plataforma YouTube. A partir de conceitos acerca das normas linguísticas (FARACO, 2012; CALLOU, 2014; CYRANKA, 2014), de estudos de crenças e atitudes linguísticas (BOTASSINI, 2013; LAMBERT; LAMBERT, 1972) e da divisão das avaliações entre três grupos distintos, constatamos que as crenças e atitudes com relação à prática docente e à norma utilizada pelo estudante foram, em sua maioria, positivas.

PALAVRAS-CHAVE: crenças e atitudes linguísticas; comunidades de práticas; norma urbana.

ABSTRACT: This article aimed to investigate beliefs and attitudes about Philosophy lectures taught by a History student who uses linguistic varieties typical of urban speech on the outskirts of big cities, such as São Paulo and Rio de Janeiro, making use of slang and syntactic constructions that consist of marks of identification of a community of practice (ECKERT, 2005; ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010), such as variable verbal and nominal agreement. For this purpose, this paper has used a corpus of 270 comments sent in 10 videos made available by Marcelo Henrique Marques, known as Audino Vilão, at YouTube

platform. Based on concepts about linguistic norms (FARACO, 2012; CALLOU, 2014; CYRANKA, 2014), on studies of linguistic beliefs and attitudes (BOTASSINI, 2013; LAMBERT; LAMBERT, 1972) and on the division of assessments between three distinct groups, we found that the beliefs and attitudes in relation to the lecturing practice and the norm used by the student were, for the most part, positive.

KEYWORDS: *linguistic beliefs and attitudes; communities of practice; urban norm.*

"A palavra abre portas, cê tem noção? É por isso que educação, você sabe, é a palavra-chave. É como um homem nu todo vestido por dentro, é como um soldado da paz armado de pensamentos, é como uma saída, um portal, um instrumento [...] Escute meus argumentos. São palavras de ouro, mas são palavras de rua."
Emicida e Elisa Lucinda, *Milionário do sonho*

1 Introdução (Nóis vai começar o bagulho, tendeu?)

O ensino nas escolas tem, em sua base, uma norma linguística tida como ideal, denominada norma-padrão. A partir dessa concepção de norma, notamos que outras variedades, estigmatizadas perante a sociedade, como os falares rurais e de grupos urbanos periféricos, ainda são alvos de preconceito. Essas normas linguísticas que se afastam da língua padrão, prestigiada socialmente, são um dos elementos que constituem a identidade do indivíduo, tanto de maneira individual quanto dentro dos grupos sociais a que pertence.

Faraco (2012, p. 36) aponta que as normas funcionam como traços de identificação de um grupo social, proporcionando a seus integrantes um senso de pertencimento permeado pelos falares característicos das práticas e das expectativas linguísticas do grupo. Independente da norma, ela deve ser considerada um conjunto de valores socioculturais que se unem a formas linguísticas, e não somente um aglomerado de regras e de outros elementos gramaticais. Nesse sentido, há diversos tipos de normas linguísticas, e não apenas aquela frequentemente encontrada nos livros didáticos e nas gramáticas.

Ao falar de norma, falamos implicitamente sobre variação, considerando que existem diversas variantes linguísticas. A partir disso, destacamos os trabalhos que se dedicam ao estudo das crenças e atitudes linguísticas e que se voltam às avaliações de um falante com relação a determinados fenômenos que envolvem a língua. Segundo Botassini (2013, p. 48), há várias áreas do conhecimento que utilizam o termo *crenças* em seus estudos, o qual pode ser definido, de maneira geral, como um modo de pensar e de construir a realidade,

percebendo o mundo e seus acontecimentos. Por sua vez, as *atitudes* determinam as ações dos indivíduos, afetando seus julgamentos de uns para com os outros e exercendo influência sobre vários fatores de suas vidas, como os grupos sociais de que participam, as profissões que escolhem, dentre outros (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 83).

Considerando o fato de a norma-padrão ainda consistir em um objeto de prestígio para grande parte da sociedade, este estudo tem como objetivo analisar as crenças e as atitudes de alguns indivíduos com relação a uma variedade linguística estigmatizada por muitos, o falar urbano das periferias da cidade, empregada em contexto de ensino. Para isso, utilizamos como *corpus* 270 comentários encontrados em 10 vídeos disponíveis no *YouTube*, os quais foram gravados e compartilhados por Marcelo Henrique Marques¹, um estudante de História que vive na periferia de Paulínia, no estado de São Paulo, e que ministra aulas de Filosofia em seu canal na internet utilizando o pseudônimo de Audino Vilão.

Marques se constitui como indivíduo ao participar de uma comunidade de prática (ECKERT, 2005; ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010) formada por jovens adeptos da cultura urbana, com muitos residentes nas periferias das grandes cidades que se engajam em seus grupos por meio de elementos como seus modos de se vestirem e a variedade linguística que usam.

O vestuário de Audino, o qual representa muitos membros da comunidade de prática dos jovens urbanos, é composto por roupas que remetem a skatistas e a cantores de *rap*, como camisetas e calças largas, além de acessórios típicos da moda urbana, como bonés e correntes. Além disso, o ministrante das aulas apresenta algumas tatuagens, as quais também são recorrentes entre os que se interessam pela cultura ligada ao *skate* e a estilos musicais como o *rap* e o *funk*.

Em vídeos mais recentes publicados em seu canal na internet, é possível observar outros detalhes compartilhados entre os participantes dessa comunidade de prática, incluindo o fato de o quarto de Vilão ter pichações com nomes de *rappers* famosos, em alusão ao cenário comumente observado em cidades maiores. Por sua vez, repleta de gírias e de construções sintáticas, como as concordâncias verbal e nominal variáveis, a norma empregada por essa comunidade também auxilia a formação da identidade do grupo.

¹Os dados pessoais do produtor dos vídeos, como seu nome completo e localidade onde reside, estão disponíveis em: <https://www.hypeness.com.br/2020/07/audino-vilao-universitario-que-traz-conceitos-filosoficos-para-linguagem-da-periferia/>

Salomão-Conchalo (2015), ao analisar as concordâncias nominal e verbal como marca de construção de identidade social, investigou duas comunidades de prática, a dos *funkeiros* e a dos *ecléticos*. O grupo dos *funkeiros*, conforme analisado na pesquisa da autora, compartilha alguns elementos visuais que permeiam a comunidade de prática dos jovens urbanos, integrada por Audino Vilão. Os *funkeiros* observados no estudo de Salomão-Conchalo (2015, p. 279) apresentavam roupas de marca, bonés e correntes banhadas a ouro, além do gosto pelo *funk* e por outros gêneros musicais com batidas fortes, como o *hip hop*. Já a comunidade de prática dos *ecléticos* costumava utilizar rigorosamente o uniforme da escola em que seus integrantes estudavam, além de se engajarem em atividades culturais, como o teatro, e de aspirarem a um padrão de vida típico da classe média, com casa e carro próprios, por exemplo.

Além de Audino participar da comunidade de prática dos jovens urbanos, o estudante de História, apesar de sua formação ainda em andamento, também integra a comunidade de prática de professores de Filosofia, uma vez que transmite seus ensinamentos a interessados nessa área do conhecimento. Normalmente, os participantes desse grupo social são associados a um ambiente culto, no qual há intensa valorização do conhecimento e da norma culta da língua, com termos caracteristicamente filosóficos.

As avaliações aqui analisadas partem, portanto, de duas comunidades de prática diferentes: a de professores/pesquisadores de Filosofia, e a de jovens urbanos, as quais foram identificadas a partir de escolhas lexicais e sintáticas semelhantes às utilizadas por Marques em seus vídeos. Houve, ainda, um terceiro grupo analisado, constituído por indivíduos diversos, que não se marcaram linguisticamente como integrantes de ao menos uma das duas comunidades de prática observadas.

Com relação a sua estrutura, nas duas primeiras seções de nosso trabalho, abordamos alguns apontamentos acerca das normas e das crenças e atitudes linguísticas. A quarta seção apresenta breves considerações sobre o conceito de comunidades de práticas (ECKERT, 2005; ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010), além de detalhar o *corpus* da pesquisa e os procedimentos que resultaram nas ocorrências escolhidas. Por fim, na quinta seção, buscamos analisar e interpretar os dados encontrados.

2 Normas linguísticas (Normasss, assim memo, no plural, tá ligado?)

Ao falarmos em norma linguística, muitas vezes, há a errônea ideia de que existe somente uma, a norma-padrão, a qual serve de referência para as gramáticas tradicionais e para o ensino de língua portuguesa, e é tida por Faraco (2012) como uma idealização. Contudo, é preciso reconhecer que a língua é permeada por diversas normas de diferentes grupos sociais, o que nos leva a repensar as práticas pedagógicas difundidas em salas de aula.

De acordo com Faraco (2012), os grupos sociais diferenciam-se por meio das formas linguísticas que utilizam entre si, e esse uso da língua comum em determinado grupo nomeamos como *norma linguística*.

Assim, numa sociedade diversificada e estratificada como a brasileira, haverá inúmeras normas linguísticas, como, por exemplo, a norma característica de comunidades rurais tradicionais, aquela de comunidades rurais de determinada ascendência étnica, a norma característica de grupos juvenis urbanos, a(s) norma(s) característica(s) de populações das periferias urbanas, a norma informal da classe média urbana e assim por diante. (FARACO, 2012, p. 36).

No que concerne à norma-padrão, cabe destacar que essa se associa a questões como a escrita e determinados valores sociais prestigiados, consistindo em “um processo fortemente unificador, que visou e visa uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança.” (FARACO, 2012, p. 38). Faraco (2012) afirma que a norma-padrão abrange mais que um mero conjunto de itens da língua, compreendendo uma fusão entre alguns elementos léxico-gramaticais e outros ideológicos.

Por sua vez, Naro e Scherre (2006, p. 236) ressaltam que, mesmo diante de qualquer história de colonização, não se pode desconsiderar que as línguas consistem em instrumentos de afirmação e de identificação social, caracterizando os falantes como indivíduos e como grupos. Nesse mesmo sentido, diante da pluralidade de normas, que se distinguem conforme os níveis sociolinguísticos e os contextos comunicativos, Callou (2014, p. 17) considera adequada uma reavaliação do espaço ocupado pela norma-padrão. Para a pesquisadora, reavaliar essa norma, tida como ideal, implica em considerar “a variação e observar essa norma padrão como o produto de uma hierarquização de múltiplas formas variantes possíveis, segundo uma escala de valores baseada na adequação de uma forma linguística, com relação às exigências de interação.”.

Segundo Faraco (2012, p. 36), uma vez que as normas são fatores de identificação de um grupo, pode-se afirmar que o senso de pertencimento proporcionado pela norma abrange o

uso dos falares característicos das práticas e das expectativas linguísticas do grupo. Dessa forma, independente da norma, não é possível entendê-la como um simples conjunto de formas da língua, haja vista que ela resulta, principalmente, de uma soma de valores socioculturais que se articulam às formas.

Assim, as variantes linguísticas estigmatizadas também possuem a função de assegurar a identidade do indivíduo com um determinado sistema de valores sociais. Paiva (2003, p. 40) apresenta essas variantes como formas compartilhadas por um grupo, as quais marcam a individualidade dos que pertencem a ele com relação a outros grupos sociais. Segundo a autora, “se um indivíduo deseja integrar o grupo, deve partilhar, além das suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo.”. Dessa maneira, embora desprovidas de prestígio diante da comunidade linguística em geral, certas formas de linguagem apresentam um “status particular”. Nesse mesmo viés, Lara (2017, p. 30) destaca que “os indivíduos que participam de forma central em um grupo influenciam as práticas sociais, inclusive as linguísticas”. Assim, formas linguísticas adquirem valor simbólico a partir da interação entre os membros do grupo.

Quando considerado o âmbito do ensino, vale ressaltar a relevância de uma abordagem acerca das diferentes normas linguísticas. Nesse contexto, Cyranka (2015, p. 34) destaca a importância de um ensino reflexivo e produtivo, o qual utiliza a reflexão gramatical como meio de desenvolver a competência comunicativa dos alunos, formando leitores e produtores de texto dotados de capacidade crítica e de autonomia. Além disso, a autora pontua que é necessário que o professor conheça seu aluno, bem como a comunidade de fala em que ele está inserido, além dos valores culturais que perpassam suas experiências e das práticas de letramento que o estudante tem vivenciado.

Os apontamentos sobre as normas demonstram, portanto, que o conceito estanque de língua, difundido durante muito tempo pelos livros didáticos e pelas gramáticas, não coincide com as inúmeras normas linguísticas existentes. Nesse sentido, Antunes (2007, p. 100) ressalta que “não podemos alimentar a ideia de que existem normas inerentemente melhores, mais bonitas, mais lógicas, mais puras que outras.”. Dessa maneira, a variedade de normas deve ser considerada tanto em contextos de uso, no cotidiano dos falantes, quanto em contexto de sala de aula, a fim de que as práticas sociais e escolares – não só de língua portuguesa, mas também de outras disciplinas – estejam ancoradas em uma visão que compreenda a variação linguística como ferramenta importante para a construção da identidade de grupos sociais.

3 Crenças e atitudes linguísticas (Oh as ideia dos cara)

De acordo com Botassini (2013, p. 48), aborda-se a definição de *crenças* em várias áreas do conhecimento, dentre as quais encontram-se a História, a Filosofia, a Psicologia, a Educação, a Sociologia, a Linguística, a Sociolinguística etc. Para a autora, essa diversidade de áreas que se propõem a pesquisar o assunto torna o conceito de *crença* algo muito complexo, visto que cada uma dessas áreas se dedica a um objeto de estudo diferente.

No que diz respeito especificamente aos estudos sociolinguísticos, Barcelos (2007) apresenta uma definição adequada acerca das *crenças*:

uma forma de pensamento, construções de realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais. (BARCELOS, 2007, p. 113).

Por outro lado, há uma variedade de trabalhos que se debruçaram sobre a questão das *atitudes*, destacando-se Lambert e Lambert (1972) como os precursores desses estudos. Conforme esses autores (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78), a *atitude* consiste em uma forma organizada e coerente de pensar, de sentir e de reagir em relação a questões sociais, grupos, pessoas ou “qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circulante.”. Os componentes da *atitude* são as crenças, os pensamentos, os sentimentos e as tendências para reagir com relação a algo. Para Lambert e Lambert (1972, p. 83), as *atitudes* agem na determinação dos comportamentos dos indivíduos, afetando os julgamentos e as percepções de uns com relação aos outros, além de exercerem influência sobre os grupos com os quais as pessoas associam-se, bem como sobre outros fatores, como as profissões escolhidas e as filosofias que perpassam cada um de nós.

Marques e Almeida-Baronas (2015, p. 2) apontam que as pesquisas sociolinguísticas vêm demonstrando que os diversos falares provocam crenças e atitudes linguísticas diversas nos indivíduos. Nesse sentido, cabe à Sociolinguística analisar as atitudes linguísticas, visto que essas dizem respeito à avaliação referente aos “julgamentos” do falante no que concerne à sua variedade linguística. Assim, “de certa forma, as atitudes linguísticas influenciam a variação e as mudanças da língua tanto quanto o ensino da variedade culta e da variedade popular.” (MARQUES; ALMEIDA-BARONAS, 2015, p. 2).

Nesse mesmo viés, Silva e Botassini (2015, p. 62) afirmam que, em qualquer sociedade, há diferenças de “poder” entre grupos sociais distintos, que se fazem presentes na

variação linguística e nas atitudes para com essas variações. Conforme os autores (p. 62), geralmente, “os padrões de uso da linguagem do grupo dominante são referenciados como o modelo necessário à ascensão social; já o uso de linguagem, dialeto ou sotaque de baixo prestígio reduz as oportunidades de sucesso na sociedade.”.

Nesta pesquisa, interessam-nos muito os apontamentos de Preti (1984) acerca das atitudes linguísticas. Para o linguista, o fenômeno das gírias – empregado de maneira recorrente nos vídeos que servem de base para o *corpus* deste estudo – consiste em uma variedade linguística partilhada por um grupo isolado, funcionando como um “escape” da norma linguística, compreendido apenas pelos indivíduos que compõem esse grupo. O pesquisador acrescenta, ainda, que a atitude linguística aparece sempre atrelada à escolha de uma determinada variedade, uma vez que o falante faz suas escolhas de acordo com a situação de interação. Assim, além de o ato de fala expressar o conhecimento do falante, expressa, também, sua opinião e sua identidade, pois o indivíduo opta por uma variedade específica ligada a seu grupo social. Especificamente no *corpus* de nossa pesquisa, destacamos a recorrência de algumas gírias, como *parça*, *mano* ou *tá ligado*, por exemplo.

4 Procedimentos metodológicos (Os corre do trampo)

Para este artigo, constituímos um *corpus* de 270 comentários referentes a 10 produções² encontradas na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*. As ocorrências analisadas compreendem comentários acerca de conteúdos criados e disponibilizados por Marcelo Henrique Marques, um estudante de graduação em História, na modalidade de Educação a Distância (EaD), que grava seus vídeos sob a alcunha de Aldino Vilão. Marques é morador da periferia da cidade de Paulínia (SP) e ministra aulas de Filosofia em seu canal na internet, ressignificando conceitos filosóficos tradicionais por meio de analogias que mencionam situações ligadas à sua comunidade de prática (cf. exemplo 1³). Em seus vídeos, encontram-se variantes presentes em falares urbanos, como as gírias, além de

² Os títulos dos 10 vídeos referentes aos comentários que constituem o *corpus* são os seguintes: 1) Hegel o desconcertado da cabeça; 2) Estoicismo | A arte de não ser PERREQUEIRO; 3) Nietzsche: o famoso roba brisa; 4) Sócrates parado no bailão; 5) O mito da caverna para becos e vielas; 6) ARISTÓTELES pagando de COACH; 7) Tutorial de sair da matrix com Foucault; 8) Spinoza | Progresso e Disposição; 9) A SUA LIBERDADE TE CONDENA A PRISÃO | Sartre; e 10) René Descartes CHAPADO das ideia.

³ A transcrição dos vídeos foi realizada com base no padrão estabelecido pelas normas do Projeto NURC (PRETI, 1993), com algumas adaptações.

construções sintáticas que diferem da norma-padrão, como as concordâncias verbal e nominal variáveis, observadas nos exemplos transcritos (1) e (2) a seguir:

(1) .. e O QUE que é a virtude pa Aristóteles? é você faze um baguio muito be::m... tá ligado? é você... vamo supo::r... é você... é você/ ser MUIto fo::da num baguio... é você ser muito top tá ligado? é você ser o:: ... o Neymar da vi::da... é você ser o Cristiano Rona::ldo... é você ter duzentas bola de ouro... tá ligado? na sua coleção particula::r com vinte e sete a::nos... é i::sso... isso é ser virtuoso... tendeu? mas um exemplo prá::tico... cara... você... tem um sonho de ser MC... MC de rap ou MC de funk... e você quer ser bom na rima... COmo que você faz pra você atingir a virtude nisso? parça... LANÇA... lança batalha de ri::ma... lança rima escri::ta... parça... deco::ra... mano... uma... um/ uma coisa que eu sempre lembro... é/ mano sabe como que o Eminem chegou naonde ele tá hoje? parça... ele... ele decorava as palavra do dicionário...

(2) rapaziada... dessa vez de um passado muito dista::nte... de uma mente muito mirabola::nte rapaziada... nós vai fala de quem? do desconcertado do Hegel... aquele cara que era desconcertado das ideia.

De acordo com Salomão-Conchalo (2015), a variação linguística consiste em um dos recursos utilizados para mostrar o grau de pertencimento ou não a um determinado grupo. Dessa forma, “o significado da variação não pode ser encontrado na simples associação com categorias sociais dadas de antemão, mas na interpretação dos traços que identificam socialmente comunidades de prática.” (p. 25). Em um estudo ancorado em Eckert (2005), a pesquisadora identificou que as concordâncias nominal e verbal variáveis, por exemplo, podem configurar uma marca de identidade grupal, o que também pode explicar as variantes usadas por Marques em seus vídeos.

Eckert (2005, p. 16) entende por comunidade de prática um agregado de pessoas que se reúnem regularmente a fim de se engajar em algum empreendimento. Essa comunidade pode compreender uma família, uma aula de Linguística, uma banda de música, um time esportivo, dentre outros grupos. Durante seu envolvimento, a comunidade de prática desenvolve maneiras de realizar algo (as práticas).

Segundo Eckert e McConnell-Ginet (2010, p. 97), no engajamento em suas atividades, os indivíduos de uma comunidade de prática constroem, mutuamente, um sentido de si e dos outros como determinados tipos de pessoas, membros de várias comunidades, nas quais a linguagem interage com outros sistemas simbólicos, como os modos de andar ou de olhar, os

adornos corporais e as vestimentas, e até outros elementos, que incluem o toque e o estilo de caligrafia.

O levantamento das ocorrências analisadas considerou, em um primeiro momento, os seguintes critérios: 1) 90 comentários escritos por indivíduos que se denominavam professores ou pesquisadores, 2) 90 comentários enviados por pessoas que apresentavam termos ou construções sintáticas compatíveis com a norma linguística observada nos vídeos, e 3) 90 avaliações que partiram de outros indivíduos que não tinham qualquer expressão que os identificasse como participantes de alguma das duas comunidades de prática, dos professores/pesquisadores ou do grupo social que utilizava a norma urbana.

Os comentários escolhidos continham avaliações acerca das variantes linguísticas usadas por Audino Vilão ou de outros elementos ligados a suas comunidades de práticas. Por fim, após o levantamento dos comentários, utilizamos o software Excel, a fim de que os dados recebessem um tratamento quantitativo, que resultou em uma segunda divisão, a qual sustentou nossas análises: avaliações positivas, avaliações negativas, e avaliações com alguma ressalva.

5 Resultados e discussão (*De olho nas fala dos maluco*)

Após a análise dos 270 comentários que compuseram o *corpus*, identificamos 223 que expressam avaliações positivas dos espectadores com relação às explicações contidas nos vídeos. Por outro lado, 5 comentários tinham caráter negativo. Além desses, outros 42 apresentavam alguma ressalva com relação às aulas.

Quando considerados os grupos sociais (Tabela 1), a análise dos dados demonstrou algumas especificidades.

Tabela 1 - Avaliação das aulas por grupo social

Avaliação	Professores / pesquisadores	Indivíduos que usam a norma urbana	Outros indivíduos
Positiva	82 / 91,11%	84 / 93,33%	57 / 63,33%
Com ressalvas	8 / 8,89%	6 / 6,67%	28 / 31,11%
Negativa	-	-	5 / 5,56%
Total	90 / 100%	90 / 100%	90 / 100%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Dentre os comentários enviados por professores e pesquisadores, 91,11% representaram avaliações positivas com relação à norma linguística usada por Marques, ao passo que somente 8,89% dos integrantes desse grupo apresentaram alguma ressalva quanto aos vídeos.

Em (3), observamos um dos comentários provenientes dessa comunidade de prática que expressam avaliações positivas sobre as aulas. Nessa ocorrência, a professora afirma que as variantes linguísticas utilizadas por Marques são de fácil compreensão, independentemente do grau de formalidade, alcançando espectadores de várias idades.

(3) Audino, sou professora e conheci você no canal Prazer Leandro Karnal, gostei de você e de sua forma de falar de filosofia, de uma forma clara, que os jovens entendem, parabéns pelo seu trabalho, educação e cultura, pode se aprender, de qualquer forma, não importa se é da forma intelectual, ou na gíria, você é do bem, continua seguindo essa sua forma de ensinar, que está está sendo compreendido, tanto pelos jovens, como pelos mais velhos [...].

A avaliação da professora, em (3), corrobora a proposta de uma pedagogia da variação (FARACO; ZILLES, 2015; CYRANKA, 2015), uma vez que o ideal é que a prática docente seja permeada por uma perspectiva que considere a variação linguística dos alunos e os contextos sociais em que eles estão inseridos. Nesse sentido, mesmo que muitos dos professores e dos pesquisadores que geraram os comentários analisados sejam da área da Filosofia e de áreas correlatas, ressaltamos, aqui, o apontamento de Cyranka (2014): para a autora, a tarefa de levar os alunos a desenvolver um conceito de adequação da língua aos diversos contextos sociais cabe não somente ao professor de língua portuguesa, apesar de a ele caberem certas especificidades, mas também aos professores de outras disciplinas, pois esses “também lidam com o texto científico, sempre vazado na variedade culta da língua. Também com esses professores os alunos dialogam e precisam ter sua linguagem respeitada.” (p. 154).

A seguir, no comentário observado em (4), além de expressar uma atitude positiva com relação ao conteúdo do vídeo, o professor aponta, ainda, que o material publicado por Marques servirá como ferramenta de ensino de língua portuguesa aos seus alunos.

(4) Cheguei aqui através do Henry Bugalho e ele tinha razão: este vídeo é realmente inspirador! Sou professor de ensino médio em escola pública na periferia de Juiz de Fora, e vou sugerir seus vídeos, como material extra sobre linguagem e argumentação, aos meus

alunos durante esse período de aulas a distância. Valeu, mano; firme contigo nessa missão de trazer para as classes populares os conhecimentos que podem mudar vidas para melhor!

Cyranka (2014) destaca que, para que o professor consiga desenvolver crenças positivas e adotar atitudes também positivas em relação às normas linguísticas de seus alunos, não importando a variedade por eles utilizada, é preciso que o docente esteja sustentado por uma reflexão teórica suficiente. Para tanto, é necessário que o professor aprenda a buscar novas soluções a partir do que propõem as teorias linguísticas, sendo “sensíveis à questão do perigoso distanciamento entre o padrão escolar e a realidade sociocultural de seus alunos, estando aí incluídos seu dialeto e o de sua comunidade linguística.” (p. 154). Assim, ao invés de valorizarem puramente a norma-padrão, os professores devem reconhecer nessa norma a ideologia que também os afeta, procurando adequar a linguagem às diferentes situações de comunicação.

Alguns comentários que partiram especificamente de professores, além de apresentarem avaliações positivas sobre as aulas, mostram um fato em especial: a sobreposição de mais de uma comunidade de prática. Ao mesmo tempo em que os indivíduos marcam verbalmente suas posições sociais como docentes, demonstram que se inserem no contexto sociocultural das periferias das cidades, assim como Marques, por meio da norma linguística utilizada, a qual indica o pertencimento desses professores a determinada comunidade de prática. Observamos exemplos desses comentários em (5) e em (6) a seguir:

(5) *Salve mano Audino, fmz? Sou professor de história na quebrada e achei monstrão teu jeito de desenvolver a ideia de Nietzsche. Continua na caminhada mesmo bro, passa a visão pra rapaziada da quebrada que precisa ter acesso a filosofia, história e sociologia. Forte abraço, tamo junto irmão!*

(6) *Parabéns parça, ótimo canal. Vou me inscrever. Sou professor de História na rede pública, as vezes solto umas ideias dessa de progresso pra Mulekada vir no entendimento kkkkkk Se não for assim, não dá certo.*

Conforme Eckert e McConnell-Ginet (2010, p. 103), as comunidades de práticas podem variar em seus tamanhos e em sua intensidade, podendo ser mais ou menos difusas. Além disso, uma comunidade de prática pode nascer e morrer, sobreviver a várias mudanças de membros e estar articulada a diferentes comunidades. Dessa maneira, os indivíduos participam de múltiplas comunidades de prática, e a identidade individual é baseada na multiplicidade dessa participação.

Ainda sobre as avaliações positivas de professores e de pesquisadores, observando comentários como o apresentado em (7), ressaltamos que a língua compreende mais que um meio de comunicação entre os falantes, consistindo em um importante instrumento de poder, capaz de incluir ou de excluir determinados grupos sociais. Apesar de o professor não explicitar uma avaliação diretamente relacionada à norma linguística ou à didática usada nos vídeos, o comentário em questão expressa uma atitude positiva quanto à iniciativa de Marques, a qual representa uma forma de ascensão social por meio do conhecimento amplamente difundido.

(7) *Manda ver Audino. Sou professor de Filosofia na periferia em Curitiba. Está de parabéns pela força. A galera das alturas tem medo da periferia. Querem a periferia na vala. A periferia está ocupando os espaços que lhe foram negados. Um dia desses quero ver você falando com Meus alunos. Segue nesse caminho. Precisamos de gente como você. Abraço.*

Conforme já mencionado, dentre as diversas avaliações provenientes da comunidade de prática dos professores e pesquisadores, somente 8,89% dessas apresentaram alguma ressalva. Em (8), o pesquisador, apesar de elogiar a intenção de Marques, apresenta um apontamento negativo com relação à forma como os conceitos filosóficos foram “traduzidos” para uma norma linguística diferente, observado em termos como *problemático* e *preciosista*. Ao ressaltar que a iniciativa do ministrante das aulas é importante, ainda que de forma simples, a avaliação do pesquisador, por meio do advérbio *ainda*, aponta a linguagem tradicionalmente observada na área da Filosofia como uma variedade de prestígio quando comparada a variedades menos prestigiadas, como a utilizada nas aulas.

(8) *Sou mestre em filosofia e o filósofo que estudei foi Nietzsche, mais especificamente foquei-me no conceito do Ressentimento nas obras dele. Sinceramente meu coração se divide com este vídeo. Se por um lado considero problemático do ponto de vista preciosista, da “pureza” conceitual, acho que é uma iniciativa importante frente à imensa fragilidade intelectual do nosso país. Vale a pena ser, ainda que de forma simples, um catalisador de estímulos para a busca do conhecimento. Se a academia não vai à comunidade, então que a comunidade invada a academia!*

Naro e Scherre (2006, p. 236) afirmam que há uma fronteira entre a língua como mecanismo de identificação e a língua como instrumento de poder, de dominação e de rejeição. Conforme os autores, essa fronteira é tênue e, muitas vezes, imperceptível, o que a torna muito perigosa. Apesar de alguns cidadãos terem consciência sobre questões

importantes de cidadania, acabam por transitar nessa fronteira, resultando em preconceitos com relação à linguagem.

Em (9), observamos outro comentário do grupo dos professores e dos pesquisadores, relacionado ao vídeo intitulado *A SUA LIBERDADE TE CONDENA A PRISÃO | Sartre*. Neste exemplo, percebemos que a saudação do professor ao ministrante das aulas é positiva (*Grande Audino da Massa!*), no entanto, apesar de simpatizar com Marques, o docente aponta a ausência da crase no título, demonstrando que a norma-padrão é a norma de referência no contexto do ensino, o que não caracteriza uma avaliação negativa, mas implica em uma ressalva com relação à língua. Mesmo que o sinal gráfico da crase seja um fenômeno específico da escrita, não fazendo parte das falas de Marques, a atitude do professor observada no comentário sugere que ele apresenta certo preciosismo com relação aos usos linguísticos.

(9) *Grande Audino da Massa! Man, bota uma crase (tá faltando) naquele “a” lá no título do vídeo pra ficar tudo ainda mais redondinho. “te condena à prisão”, vai na fé que sou prof ;)*

De acordo com Faraco (2012, p. 39), o padrão tem sua importância e é útil como força centrípeta no universo de qualquer língua humana, especialmente para as práticas de escrita. Contudo, o autor ressalta que não é possível o padrão superar a diversidade, visto que, para isso, seria necessário “homogeneizar a sociedade e a cultura e estancar o movimento e a história.”.

Quando considerada uma das comunidades de práticas de Marques, aqui caracterizada linguisticamente por elementos lexicais e sintáticos próprios, como as gírias e as construções com concordância verbal ou nominal variável, constatamos um número expressivo de avaliações positivas, resultando em 93,33% dos comentários enviados por esse grupo. Essa elevada ocorrência de atitudes positivas demonstra que a comunidade de prática proporciona a seus participantes um sentimento de pertencimento e uma consequente identificação com os traços culturais do grupo. Por outro lado, as avaliações com alguma ressalva totalizaram somente 6,67% das ocorrências. Ressaltamos que, nesse grupo, assim como no grupo dos professores e dos pesquisadores, não foram observadas atitudes negativas por parte dos espectadores. Nesse grupo social, enfatizamos alguns comentários, como os observados em (10) e em (11):

(10) *Vilão, se pah cê já até tem, e se tiver me fala o nome, mas rolava uns podcasts no Spotify, ein? Só força, a filosofia tem que ser debate desse modo mesmo de fácil entendimento*

pra quebrada, palavras complexas e alegorias fora do nosso contexto nos exclui desse conhecimento e os malucos que quiser aprofundar mete cara nuns livro pra pegar as visões tbm.

(11) *O acadêmiquez é cerca de arame farpado pro conhecimento n atingir a maioria!! BRABO! Ultimo ano de direito tô aqui aprendendo com você*

Para Preti (1997, p. 19), a linguagem oral comum, mesmo em contextos de ensino, demonstra uma atitude linguística atrelada à rejeição de um caráter normativo e inflexível da tradição gramatical. O pesquisador considera o uso crescente das gírias em diversas situações de interação e com variados tipos de falantes, inclusive cultos, um dos marcadores mais expressivos do processo de democratização da cultura e de sua representação na linguagem espontânea.

Ainda com relação às atitudes positivas dos falantes dessa comunidade de prática, destacamos o comentário exemplificado em (12). Nesta avaliação, demonstramos que as normas mais prestigiadas pela sociedade associam-se, frequentemente, a outros fatores simbólicos de poder e de prestígio, como a própria imagem dos falantes que as utilizam.

(12) *papo firmeza demais! cara, é lindo ver a estereotipização da imagem de gente que tem "conhecimento" sendo quebrado, eu podia ouvir vc falar o dia td*

Já em (13), demonstramos um comentário que avalia uma parte específica de uma das aulas, encontrada no vídeo intitulado *René Descartes CHAPADO das ideias*. Nessa aula, Marques ensina conceitos da filosofia cartesiana, apresentando o pensador da seguinte maneira:

... hoje nós vai falar de quem? nós vai falar desse mano aqui ó... René Descartes... ou Discartes... como eu falo... aí vai vir os cara na minha bota... nos comentário... AHHH... AHHH... TÁ FALANO ERRA::DO... tá falano errado... tem que falar o franCÊS... PARÇA... francês eu só peço pão na padaria... tá ligado? o re::sto... eu falo Discartes memo... tá ligado?

(13) *"Parça, francês eu só peço pão na padaria, tá ligado?" Deitou! Do c*****, mano! Qqr gringo falando falando um nome de alguém que não seja do país dele da uma p*** puxada pro idioma nativo. A gnt com nossa mania de vira lata julga quem fala como se lê na nossa própria língua.*

Em (13), a avaliação positiva demonstra que o indivíduo explicita o engajamento de sua comunidade de prática com base em seus usos linguísticos. Ao expor suas crenças com relação aos falantes de sua língua, esse indivíduo aponta a importância da valorização do

próprio vernáculo. Callou (2014, p. 28) afirma que, quando falamos em usos “melhores” da língua, podemos pensar no uso das normas cultas ou padrão, mas também é possível que se pense em eficácia comunicativa. Essa capacidade de comunicação é ressaltada na avaliação encontrada em (13), pois, apesar de o produtor dos vídeos realizar uma pronúncia considerada inadequada quando vista de uma perspectiva da norma culta, seus propósitos comunicativos são perfeitamente atingidos. Nesse sentido, Callou (2014, p. 28) ressalta que o ensino deveria possibilitar ao aluno o domínio das várias modalidades de uso e da modalidade culta da comunidade de que ele faz parte. “A primeira forma de ‘concretizar’ este ‘usar melhor’ é fazê-lo reconhecer a diversidade linguística, os usos linguísticos, para além da unidade, do ideal linguístico”.

As atitudes que partiram dos membros dessa comunidade de prática e que continham alguma ressalva, conforme já apresentado, representaram apenas 6,67% de todas as ocorrências encontradas no grupo. Exemplificamos e analisamos algumas dessas avaliações a seguir.

(14) *C*****, quebrada!! Tipo como, chaviou! Ele mora longe, fala feio e chama nois de mano, tá ligado, mas o mano tem as visão também, parsa! Bora discutir mais Niti aí que nós tem interesse. Cê é chave, quebrada!!!!*

O comentário em (14) demonstra que, apesar de o falante pertencer à mesma comunidade de prática de Marques e manifestar apoio às práticas de ensino observadas nos vídeos, o espectador reconhece, ao afirmar que Audino Vilão fala feio, que a variedade linguística usada pelo grupo é desprestigiada perante a sociedade. Por sua vez, em (15) e em (16), as avaliações das aulas são, em geral, de caráter positivo, mas expressam um preconceito com relação às gírias utilizadas pela comunidade de prática, vindo de seus próprios integrantes.

(15) *Para de falar gíria, ficou feio o vídeo, mas legal as ideia.*

(16) *Nunca comento e ninguém vai me ler. Mas você tá de parabéns porque me fez ter vontade de te dar parabéns e escrever haha Odeio quem usa essas gírias e fica pagando de favela. Isso me faz nem querer ouvir a pessoa mais. No seu caso mesmo falando assim vale a pena te ouvir até o final! Moro no morro do dendê e depois de estudar comecei a falar namoral tá ligado? Entendo que isso gera conexão com o seu público. Mesmo odiando isso você foi tão incrível no conhecimento que podia falar até chinês mlk, brabo demais!*

Callou (2014, p. 17) aponta que, ao lidarmos com norma e com correção, lidamos também com o preconceito, “e preconceito em relação à língua é equivalente a muitos outros,

como o social (de que estrato provém?), regional (qual o dialeto mais prestigiado no país?), religioso, racial, e, como qualquer um deles, está muito enraizado e é difícil de ser vencido.”. Para Cyranka (2014, p. 142), a construção do preconceito linguístico não se dá somente na escola, existindo todo um aparato social que o sustenta.

No último grupo analisado, que não apresentava nenhuma marca linguística que expressasse o pertencimento a alguma das duas comunidades de prática, dos professores/pesquisadores ou do grupo social que emprega termos e construções sintáticas típicas de uma norma urbana, 63,33% das ocorrências compreenderam avaliações positivas. Registramos, nesse grupo, o menor número de atitudes positivas para com as aulas quando comparado aos outros dois grupos.

Em (17), observamos um dos comentários positivos enviados pelo grupo, o qual expressa uma aceitação perante a norma linguística utilizada por Marques em seus vídeos, apontando que a língua, muitas vezes, é um meio de segregação social.

(17) Cara, sensacional! Muitas vezes, aqueles que sabem se esquecem de como é não saber, por isso, usam termos e raciocínios complexos e impossíveis de serem compreendidos por quem está iniciando os estudos. E, por mais que a maioria dos jovens tenha uma mente sintética, pois a escola não desenvolve o senso crítico e falha severamente no amadurecimento da interpretação textual, os livros escolares possuem, também, termos complexos, o que dificulta a compreensão até mesmo na escola.

Já em (18), a espectadora não apresenta uma atitude positiva diretamente ligada à variedade da língua usada nos vídeos, mas avalia positivamente a didática interessante de Marques, a qual está intrinsecamente atrelada ao seu modo de falar.

(18) Marcelo, estou com a idade de 61 anos. Depois de muito tempo acomodada com ensino técnico resolvi partir para graduação. Pretendo prestar vestibular para Ciências Sociais/Filosofia. Parabéns pelo trabalho. Me inscrevi nesse canal para prestar atenção em você e na sua didática interessante sobre Filosofia. Abs

Nesse grupo, em especial, destacamos as atitudes, bem como as crenças que as perpassam, principalmente no que diz respeito aos comentários não positivos, haja vista que esse grupo foi o responsável pela maioria dos comentários com ressalvas (31,11%), além de ser o único a expressar atitudes negativas com relação ao conteúdo dos vídeos (5,56%). Provavelmente, esses números devem-se ao fato de os indivíduos do grupo não pertencerem a qualquer uma das outras duas comunidades de prática, o que os leva a desconhecer os contextos sociais dos professores/pesquisadores e dos falantes que fazem uso de um falar

urbano, resultando em um preconceito com relação às variedades linguísticas que se distanciam da norma-padrão, o qual ainda é visto em grande parte da sociedade. É possível dizer que esse grupo que não se enquadra nas duas comunidades de prática representa a sociedade em geral, que apresenta uma crença de que a norma-padrão é a única possibilidade da língua.

No comentário (19), o espectador não se posiciona favoravelmente nem negativamente com relação às aulas, mas questiona uma das gírias utilizadas por Marques nos vídeos. Por outro lado, em (20), o comentário expressa uma atitude positiva em *Muito bom*, porém, avalia o excesso de gírias como algo negativo.

(19) *Parece certo mas... o que é ser perrequeiro?*

(20) *Muito bom. Só peca no exagero das gírias.*

Nas atitudes observadas nas ocorrências (21), (22), (23) e (24), notamos que, mesmo que os espectadores julguem a prática docente de Marques como algo positivo, há um pré-julgamento arraigado em suas crenças. Isso mostra, mais uma vez, que o preconceito para com a língua é, na realidade, um preconceito que envolve todo um conjunto de valores socioculturais, conforme já apontado por diversos autores (CALLOU, 2014; CYRANKA, 2014), e que abrange vários elementos que compõem a identidade do indivíduo, como seu modo de vestir, seus comportamentos, sua forma de falar, e até a região onde vive ou a religião que pratica.

(21) *Esse menino é prova de que não devemos julgar alguém pela aparência.*

(22) *Eu sempre vi pessoas que fumavam, pagavam um trago, bebia ou tinha tatuagem de uma maneira má, mas você abriu minha mente de uma maneira grandiosa, conhecer teu canal me ajudou muito. Parabéns por ser este cara incrível tens meu respeito! <3*

(23) *;-p***** acho que fui preconceitoso com pessoas de gírias e parecendo maloqueiro, mas talvez nem todos seja ignorantes kllk*

(24) *ISSO QUE EU CHAMO DE QUEBRAR TABU, PQP. O cara é o tipo estereotipo de "noia" (o jeito de conversar, a corrente, boné e bigodinho de cobrador), falando sobre filosofia. O cara é um exemplo, admiração total.*

Lima-Hernandez (2005, p. 130) aponta que termos como *mano*, *bagulho* e *noia* são normalmente associados a pessoas da periferia que, em grande parte, são discriminadas na região em que moram. As pessoas que os discriminam associam o falar a alguns fatores, como o baixo desempenho escolar, o consumo de drogas e a desocupação profissional. Essas características passam a agregar estigmas não só com relação aos termos, mas também com

relação aos falantes que fazem uso deles, os quais são rejeitados por jovens de outras classes sociais e pela sociedade como um todo.

Por fim, em nossa análise, as avaliações negativas corresponderam a 5,56% dos comentários enviados pelos indivíduos que não se enquadraram em nenhuma das duas comunidades de práticas. Dentre os 5 comentários encontrados, destacamos 3, exemplificados em (25), (26) e (27) a seguir:

(25) *Na boa, com todo respeito. isso aí não é método socrático nem na grecia nem, nem na quebrada, nem em lugar nenhum. "mas vc sabia que na favela tem gente decente?", "ah...tá,verdade..." por mais que se mastigue,vai além disso. nada complexo, mas vai além disso. alguém ia incomodar a sociedade e ser condenado com essa conversa aí?*

(26) *parabéns aos que celebram esse "bagui, muito loco, bagui...muito doido, fita..tá ligado...," porque essa linguagem "facilita prá molecada...", aviso que isso ajuda a criar um processo que até essa linguagem ficará difícil . apesar da boa intenção do rapaz aí, ele ajuda na exclusão. será que ele escreveu assim na redação do vestibular? porque menosprezar a molecada da periferia assim? vcs acham que não entendemos além de "fita, quebrada, baguio"?... isso é enganação e ajuda na preguiça do povo de entender algo que exija um pouco mais. por isso digo, logo logo até emojis serão incompreensíveis pro público, mas só vepo gente apludindo o processo de emburrificação da população. pura vaidade. aumentem os likes, diminuam os neurônios*

(27) *Tá explicado porque ensino no Brasil sempre tá na m*****.*

Nos três comentários, observamos que as crenças dos espectadores em relação às explicações de Marques pautam-se, novamente, em um preconceito fortemente enraizado na sociedade, que envolve não só a língua, mas o contexto social do falante como um todo. Conforme Faraco e Zilles (2015, p. 7), a variação linguística é uma realidade que geralmente provoca reações sociais muito negativas. Assim, o senso comum costuma “folclorizar a variação regional; demonizar a variação social e tende a interpretar as mudanças como sinais de deterioração da língua”, o que resulta, muitas vezes, em “explosões de ira” e em “gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação e mudança”.

Destacamos que, em (26), o comentário problematiza a necessidade de apropriação da norma mais prestigiada, considerando que as aulas veiculadas são uma perda de oportunidade para tanto. Com base no exposto, cabem os apontamentos de Antunes (2007, p. 100), a qual afirma que “devemos rejeitar a impressão de que aqueles que falam fora da norma culta são

rudes, poucos inteligentes, ignorantes e incultos”. Para a autora, todos os falares são legítimos e apropriados a diferentes situações de comunicação.

6 Considerações finais (É nós! Vlw, flw!)

A partir de conceitos acerca das normas linguísticas (FARACO, 2012; CALLOU, 2014; CYRANKA, 2014) e de estudos de crenças e atitudes linguísticas (BOTASSINI, 2013; LAMBERT; LAMBERT, 1972), este trabalho investigou as crenças e as atitudes em relação a aulas de Filosofia ministradas por um estudante de História que utiliza variantes próprias do falar urbano da periferia das cidades, fazendo uso de gírias e de construções sintáticas que consistem em marcas de identificação de uma comunidade de prática (ECKERT, 2005; ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010).

Após o levantamento de 270 comentários enviados em 10 vídeos disponibilizados por Marcelo Henrique Marques, o Audino Vilão, na plataforma *YouTube*, observamos que as avaliações com relação à prática docente e à norma utilizada nos vídeos foram, em sua maioria, positivas. Dentre a comunidade de prática dos professores e dos pesquisadores, 91,11% das avaliações foram de caráter positivo, ao passo que, em 8,89%, essas apresentaram alguma ressalva. No grupo social que se marcava por meio de termos e de construções sintáticas semelhantes aos usos observados nos vídeos, as avaliações positivas corresponderam a 93,33% das ocorrências; por outro lado, as avaliações com ressalvas totalizaram 6,67% dos comentários desse grupo. Já no último grupo analisado, o qual não apresentou qualquer marca linguística que identificasse os indivíduos como integrantes das outras duas comunidades de práticas analisadas, as atitudes positivas somaram 63,33% dos casos. Nesse mesmo grupo, as avaliações com ressalvas resultaram em 31,11% dos comentários. Por fim, todas as crenças e atitudes consideradas negativas foram encontradas nesse grupo, as quais compreenderam 5,56% das ocorrências.

Com base nos resultados observados em nossa pesquisa, destacamos que, consoante os apontamentos de Lucchesi (2012, p. 80), há, em nossa sociedade, uma polarização que compreende duas realidades distintas: de um lado, existe todo um projeto político que visa à manutenção de um modelo econômico de acumulação e de concentração de riqueza e, de outro lado, há um “projeto de reestruturação do modelo econômico vigente visando à distribuição de renda e à promoção do verdadeiro desenvolvimento social do país”, o qual refletirá no campo dos estudos da linguagem. Ainda de acordo com o autor, cabe aos

estudiosos da língua (e aqui complementamos: não só aos da língua, mas a todos os que se dedicam a ensinar), e aos que se identificam com essa segunda visão, não somente fornecer os fundamentos teóricos para que se questionem os modelos atuais da norma-padrão no Brasil, mas propor uma ressignificação da língua padrão com base em usos reais das diversas normas linguísticas, visando a uma democratização do ensino no país.

Por fim, nesse mesmo sentido, Cyranka (2015, p. 31) afirma que “a palavra é material privilegiado da comunicação da vida cotidiana, que é vinculada a uma esfera ideológica particular”. A partir dela, os indivíduos se constituem e podem se expressar, ainda que no seu dialeto desprestigiado. Além disso, é papel do professor reconhecer a linguagem de seus alunos como instrumento de libertação.

REFERÊNCIAS (OS PARÇA DO ROLÊ)

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná*. 2013. 228 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Londrina, 2013.

CALLOU, Dinah. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. 3. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula. In: MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (orgs.). *Ensino de Português e Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (orgs.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ECKERT, Penelope. Variation, convention, and social meaning. *Annual Meeting of the Linguistic Society of America*. Oakland, CA, 2005.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET; Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz

(orgs.). *Linguagem. Gênero. Sexualidade*: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahll. Introdução. In: ZILLES, Ana Maria Stahll; FARACO, Carlos Alberto (orgs.). *Pedagogia da variação linguística*: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. O significado Social das atitudes. In: LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. *Psicologia Social*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

LARA, Claudia Camila. *Variação fonético-fonológica e atitudes linguísticas*: o desvozeamento das plosivas no Português Brasileiro em contato com o Hunsrückisch no Rio Grande do Sul, Brasil. 2017. 156 f. Tese (Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2017.

LIMA-HERNANDEZ, Maria Célia. A dimensão social das palavras. In: SILVA, Luiz Antônio da (org.). *Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MARQUES, Taciane Marcelle; ALMEIDA-BARONAS, Joyce Elaine. Crenças e atitudes linguísticas na sala de aula. *Linguagem*, São Carlos, v. 24, n. 1, 2015.

NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação linguística, expressividade e tradição gramatical. In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl (orgs.). *Sociolinguística e ensino*: contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

PAIVA, Maria Conceição. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1993.

PRETI, Dino. A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais. In: PRETI, Dino (org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997.

SALOMÃO-CONCHALO, Mircia Hermenegildo. *A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social*. 2015. 313 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, São José do Rio Preto, 2015.

SILVA, Flávio Brandão; BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e Atitudes Linguísticas: o que pensam os alunos de Letras sobre o ensino de Língua Portuguesa. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 31, n. 2, p. 61-85, 2015.

Artigo submetido em: 28 fev. 2022

Aceito para publicação em: 24 maio 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.122747>